



**UFPB**

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO  
BACHARELADO EM BIBLIOTECONOMIA

**JOSEANE BANDEIRA DE SOUZA**

**O PAPEL DO (A) BIBLIOTECÁRIO (A) NO PROCESSO DE PRESERVAÇÃO DA  
MEMÓRIA DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DO MATÃO- PARAÍBA**

JOÃO PESSOA  
2018

### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

S719o Souza, Joseane Bandeirade.

O Papel do (a) Bibliotecário (a) no processo de preservação da memória da Comunidade Quilombola do Matão - Paraíba / Joseane Bandeira de Souza. – João Pessoa, 2019.  
56f.: il.

Orientador (a): Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Gisele Rocha Cortês.

Trabalho de Conclusão de Curso (Biblioteconomia) – UFPB/CCSA.

1. Comunidade Quilombola do Matão. 2. Memória. 3. Papel social. 4. Bibliotecário (a). 5. Grupo étnico - racial. I. Título.

UFPB/CCSA/BS

CDU:02(043.2)

Gerada pelo Catalogar - Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica  
do CCSA/UFPB, com os dados fornecidos pelo autor (a)



**JOSEANE BANDEIRA DE SOUZA**

**O PAPEL DO (A) BIBLIOTECÁRIO (A) NO PROCESSO DE PRESERVAÇÃO DA  
MEMÓRIA DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DO MATÃO- PARAÍBA**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de Biblioteconomia  
da Universidade Federal da Paraíba,  
como requisito parcial à obtenção do grau  
de Bacharel em Biblioteconomia.

**Orientadora:** Profa. Dr.<sup>a</sup> Gisele Rocha  
Cortês

JOÃO PESSOA  
2018

**JOSEANE BANDEIRA DE SOUZA**

**O PAPEL DO (A) BIBLIOTECÁRIO (A) NO PROCESSO DE PRESERVAÇÃO DA  
MEMÓRIA DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DO MATÃO- PARAÍBA**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de Biblioteconomia  
da Universidade Federal da Paraíba,  
como requisito parcial à obtenção do grau  
de Bacharel em Biblioteconomia.

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dr.<sup>a</sup> Gisele Rocha Cortês – DCI/UFPB  
**(Orientadora)**

---

Profa. Ma. Vanessa Alves Santana – DCI/UFPB  
**(Coorientadora)**

---

Prof. Dr<sup>o</sup> Edvaldo Carvalho Alves – DCI/UFPB  
**(Examinador)**

Dedico esta monografia aos meus pais que sempre estiveram me apoiando na busca de alcançar meus objetivos e na realização dos meus sonhos. Ao meu esposo que está sempre ao meu lado, me ajudando e dando motivação para nunca desistir. Aos meus professores(as) que me ensinaram que por mais que achamos que o nosso conhecimento já está bem profundo, estamos enganados pois o conhecimento é algo que está sempre se renovando. A todos meus familiares que sempre me encorajam mostrando que por mais que o caminho esteja difícil e doloroso devo prosseguir pois lá na frente quando esse caminho já estiver no final olharei para trás e me sentirei vitoriosa. Obrigada por sempre estarem ao meu lado. Obrigada por tudo!

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, pela sua presença constante em minha vida.

Aos meus pais, José e Maria, que são para mim fonte inspiradora, por todo amor, carinho e apoio incondicional. Vocês são os melhores pais do mundo! Amo muito vocês!

Ao meu marido Lenilton, pelo amor e paciência nos meus “maus” momentos e por mim apoiar na busca dos meus objetivos.

Ao meus irmãos, sobrinhos e sobrinhas pela amizade e compreensão. Em especial Joselita, obrigada por você existir perto de mim!

A todos os meus amigos, pelo apoio e momentos de alegria!

A minha Coorientadora Professora Vanessa Alves, pelos importantes ensinamentos tanto científicos quanto pessoais. Pela amizade, apoio e pelo conforto nas horas difíceis. Obrigada por ser minha “mãe científica”!

A minha orientadora Profa. Dr.<sup>a</sup> Gisele Rocha Cortês, por aceitar e dedicar seu tempo em contribuir na finalização deste trabalho.

Em tempos em que quase ninguém se olha nos olhos, em que a maioria das pessoas pouco se interessa pelo que não lhe diz respeito, só mesmo agradecendo àqueles que percebem nossas descrenças, indecisões, suspeitas, tudo o que nos paralisa, e gastam um pouco da sua energia conosco, insistindo.

Obrigada àqueles que de alguma maneira sentem-se orgulhos da pessoa que sou.

"Determinação coragem e autoconfiança são fatores decisivos para o sucesso. Se estamos possuídos por uma inabalável determinação conseguiremos superá-los. Independentemente das circunstâncias, devemos ser sempre humildes, recatados e despidos de orgulho." (Dalai Lama)



## RESUMO

A história da formação dos quilombos no Brasil está condicionada a um período de luta e resistência do povo negro que perpetua até os tempos atuais. Este grupo étnico racial busca amenizar o desrespeito histórico gerado pela escravidão, preservando a sua memória, suas lutas e conquistas. Contudo, o objetivo geral desta pesquisa é analisar o papel do (a) bibliotecário (a) no processo de preservação da memória de grupos étnicos com foco na Comunidade Remanescente Quilombola do Matão- Paraíba, localizada na cidade de Gurinhém, estado da Paraíba. Partindo do pressuposto de que o (a) bibliotecário (a) desempenha um importante papel no que se refere ao registro, preservação, valorização e promoção da cultura. Neste sentido, procuramos descrever o perfil do (a) bibliotecário (a) no contexto social; apresentando a comunidade quilombola diante da invisibilidade na sociedade, destacando a importância do resgate e preservação da memória. Para tanto recorremos autores (as), historiadores (as) e sociólogos (as) que nos serviram de referência por meio de seus estudos onde abordam as questões referente a pesquisa. A pesquisa assim contribuiu para percebermos a importância da atuação do (a) bibliotecário (a) na Comunidade Quilombola do Matão que é de extrema importância como sendo um (a) profissional da informação que pode possibilitar através de coleta e análise da informação, a preservação e resgate da memória seja ela individual e coletiva enquanto um grupo étnico de afrodescendente.

**Palavras-chave:** Comunidade Quilombola do Matão. Memória. Papel social. Bibliotecário (a). Grupo étnico-racial.

## **ABSTRACT**

The history of the formation of the Quilombos in Brazil is linked to a period of struggle and resistance of the black people that endures until the present times. This racial ethnic group seeks to soften the historical disrespect generated by slavery, preserving their memories, struggles and achievements. However, the general goal of this research is to analyze the role of the librarian in the process of preserving the memory of ethnic groups with a focus on the Quilombola Remaining Community of Matão-Paraíba, located in the city of Gurinhém, state of Paraíba. Based on the assumption that the librarian plays an important role in the registration, preservation, appreciation and promotion of culture. In this sense, we have tried to describe the profile of the librarian in the social context; presenting the Quilombola Community before their invisibility among the society, highlighting the importance of the rescue and preservation of their memory. We have searched authors, historians and sociologists who have served as reference through their studies where they referred some subjects about this research. This paper has made us notice the importance of the librarian's role in the Quilombola Community of Matão. Being a Professional of the information, they preserve and rescue memories through the collection and analysis of information, whether individual or collective, referring to an Afrodescendant ethnic group.

**Keywords:** Quilombola Community of Matão. Memory. Social role. Librarian. Ethnic-racial group.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>09</b>
<b>2</b>	<b>RESGATE E PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA.....</b>	<b>13</b>
2.1	PANORAMA DA POPULAÇÃO NEGRA NO BRASIL – DESIGUALDADE VIVENCIADA ATÉ HOJE PELA POPULAÇÃO NEGRA.....	14
2.2	CONCEITO DE MEMÓRIA.....	17
2.2.1	<i>Memória Individual e Memória coletiva.....</i>	<i>19</i>
2.2.2	<i>Memória e Identidade Social.....</i>	<i>20</i>
2.2.3	<i>Resgate e Preservação da Memória.....</i>	<i>21</i>
<b>3</b>	<b>QUILOMBO, ETNICIDADE, TERRITÓRIO E IDENTIDADE.....</b>	<b>24</b>
3.1	QUILOMBO: O QUE É ISSO?.....	26
3.2	MATÃO: UMA COMUNIDADE NEGRO RURAL.....	27
3.2.1	<i>História e Memória do Quilombo do Matão Paraíba.....</i>	<i>28</i>
<b>4</b>	<b>ENTINERÁRIO METODOLÓGICO.....</b>	<b>38</b>
<b>5</b>	<b>O (A) PROFISSIONAL BIBLIOTECÁRIO (A).....</b>	<b>40</b>
5.1	PAPEL SOCIAL DO (A) BIBLIOTECÁRIO (A).....	42
5.2	CONTRIBUIÇÕES DO (A)BIBLIOTECÁRIO(A) PARA. PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA DA COMUNIDADE QUILOMBOLA MATÃO PARAÍBA.....	44
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>46</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>47</b>
	<b>ANEXO A.....</b>	<b>54</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A visão introdutória relacionada ao tema escolhido leva em consideração o contexto social grupo étnico de uma comunidade quilombola visando a preservação de sua identidade e memória.

A Fundação Cultural Palmares (FCP), órgão do Governo Federal, vinculado ao Ministério da Cultura (MinC), conceitua comunidades quilombolas como sendo grupos com trajetória histórica própria cuja origem se refere a diferentes situações, a exemplo de doações de terras realizadas a partir da desagregação e monoculturas; compra de terras pelos próprios sujeitos, com o fim do sistema escravista; terras obtidas na troca de prestação de serviços; ou áreas ocupadas no processo de resistência ao sistema escravista (FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES, 2016).

O Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), órgão competente na esfera federal pela titulação dos territórios quilombolas, define comunidade quilombola como “grupos étnicos constituídos principalmente pela população negra rural ou urbana, que se autodeclaram.” (INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA, 2016). O Artigo 2º do Decreto-Lei 4.887 de 20 de novembro de 2003, que tem por objetivo regulamentar “o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos”, considera a população remanescente das comunidades quilombolas, como “grupos étnico-raciais, segundo critérios de auto atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada à opressão histórica sofrida” (BRASIL, 2003).

Na esfera federal, a competência para a titulação territorial (identificação e delimitação de territórios) era da Fundação Cultura Palmares (FCP). Entretanto, no ano de 2003, essa competência passou a ser do INCRA por meio do Decreto-Lei 4.887 de 20 de novembro de 2003. “Compete ao INCRA, a identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas pelos remanescentes quilombolas” (FERREIRA, 2011, p. 34). Atualmente, a FCP estima que há cerca de 3.524 comunidades de remanescentes quilombolas espalhadas pelo território nacional.

Tendo em vista as reflexões acima, compreendemos a importância em divulgar e esclarecer questões ligadas à diversidade cultural. Desta forma, a pesquisa recai na necessidade de conhecer, resgatar e preservar a memória e direitos adquiridos, aos longos anos de luta, das comunidades quilombolas, em especial a Comunidade Quilombola do Matão - Paraíba.

Para aprofundar o conhecimento sobre a Comunidade Quilombola do Matão - Paraíba, iniciamos a pesquisa obtendo informações prévias acerca da história e cultura dos afrodescendentes no Brasil, resgatando todo processo histórico que eles enfrentaram em um mundo de incertezas, insegurança, exclusão até a conquista de seus espaços com esperanças e responsabilidades.

Para uma melhor sustentação teórica recorreremos a autores (as), historiadores (as) e sociólogos (as) que nos serviram de referência a partir de seus estudos em que abordam as questões referente ao contexto da pesquisa, dentre os principais podemos destacar Mirian de Albuquerque Aquino (2009, 2010, 2013, 2014) Henrique Cunha Junior (2010, 2010, 2017), Kabengele Munanga (2004, 2006, 2016).

O interesse pelo tema surgiu a partir da inquietação em reconhecer que apesar de ter passado mais de 500 anos de escravidão os (as) negros (as) ainda se encontram diante de um cenário negativo em que o racismo ainda é algo latente em nossa sociedade. Também pelo fato de compreender enquanto pré-concluente do curso de Biblioteconomia, que o (a) profissional bibliotecário (a) assume um papel importante no que diz respeito as diversas formas de preservar e reforçar a cultura e a memória dos diversos grupos sociais, abordando assim a necessidade desse (a) profissional em desenvolver tratamento técnico nas fontes documentais acumuladas pela Comunidade Quilombola Matão-Paraíba, na busca da preservação e conservação do acervo enquanto espaço de memória e identidade do povo quilombola.

A partir das reflexões teóricas, foi realizado um estudo bibliográfico apresentando um conjunto de indagações sobre o tema da memória e sua imbricação com os processos de transmissão e recepção de experiências, considerando que falar em memória, implica, necessariamente em discutir as experiências coletivas, herdadas socialmente, seja ela a memória individual, social ou coletiva.

Para aprofundar o conhecimento sobre a comunidade buscamos assim fragmentos que compõe sua memória, iniciamos a pesquisa obtendo informações acerca da história e cultura deste grupo étnico no auto reconhecimento como pertencentes de uma comunidade remanescente de quilombo.

Procedeu-se um estudo bibliográfico e documental produzido e acumulado pela comunidade a partir da titulação de reconhecimento da comunidade quilombola emitida pela Fundação Cultural Palmares-FCP, até o registro da propriedade de terra em cartório, como também os documentos provenientes dos programas do governo federal entre outros.

A presente pesquisa visa também compreender a função social do (a) bibliotecário (a) e sua contribuição em relação a preservação da memória da Comunidade Quilombola. Para tanto, foi necessário identificar e delinear o perfil do (a) bibliotecário (a) e suas atribuições para desempenhar sua função junto à comunidade.

Podendo assim contribuir para ajudar na valorização, acesso e difusão desta comunidade quilombola e no resgate e preservação desta memória sendo intermediador (a) da informação.

Outro fator que influenciou a escolha do tema vai de encontro ao contato com a Comunidade Quilombola onde pude conviver, pois trabalho na Secretaria Municipal de Educação do Município de Gurinhém estado da Paraíba. Faço parte da Equipe Pedagógica, atuo como Orientadora Educacional. No município tem 19 escolas e 2 creches, tendo uma delas localizada na Comunidade Quilombola do Matão-Paraíba e tem um anexo em Manipeba, localidade esta que é composta por negros e negras, mais que não quiseram ser reconhecidos como quilombolas e não aceitam que seus filhos (as) estudem na escola do Matão. Esporadicamente, faço visita na escola e visita domiciliar onde desta forma comecei a ter contato com a localidade e seus moradores (as).

Diante da realidade da comunidade com suas histórias de lutas e conquistas, percebemos a transformação sofrida pelas comunidades quilombolas ao longo dos anos, em função da sua sociabilidade, descrevendo através da memória como um fenômeno que foi construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações e mudanças constantes, na busca do fortalecimento das identidades culturais.

Diante de tais reflexões a pergunta norteadora da pesquisa recai em saber como o (a) bibliotecário (a) pode contribuir para preservação da memória de grupos étnicos com foco na Comunidade Quilombola do Matão – Paraíba?

Temos como objetivo geral desta pesquisa é analisar o papel do (a) bibliotecário (a) no processo de preservação da memória de grupos étnicos com foco na Comunidade Remanescente Quilombola do Matão Paraíba. Partindo do pressuposto de que o (a) bibliotecário (a) tem um papel estratégico para o registro, preservação, valorização e promoção da cultura de comunidades quilombolas.

Os objetivos específicos são: Compreender como o (a) bibliotecário pode contribuir para preservação da memória da Comunidade Quilombola, Identificar se nas políticas culturais voltadas para a memória das comunidades quilombolas e Investigar no entorno da comunidade, informações pertinentes a pesquisa da memória e história do quilombo desde sua formação até os dias atuais.

Este campo de pesquisa teve início partindo das necessidades informacionais dos remanescentes quilombolas e de como o (a) bibliotecário (a) poderia estar inserido “nesse mundo de luta” amenizando o desrespeito histórico gerado pela escravidão, com resgate e a preservação da memória da comunidade quilombola.

## 2 RESGATE E PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA

De acordo com os estudos históricos, os laços culturais sustentam a vida e a memória de uma comunidade em específico quilombola.

Delgado (2006, p. 135) define a “memória como uma construção sobre o passado, atualizada e renovada no tempo presente”.

Quando utiliza a memória como instrumento de resgate da história de vida de homens e mulheres, suas experiências, suas práticas cotidianas, desenvolvem um sentimento identitário à formação da cidadania, bem como o fortalecimento da organização comunitária.

Pode-se destacar a importância da história oral, no que se refere ao resgate da memória, baseando-se no trecho que segue:

[...] a história oral pode dar grande contribuição para o resgate da memória nacional, mostrando-se um método bastante promissor para a realização de pesquisa em diferentes áreas. É preciso preservar a memória física e espacial, como também descobrir e valorizar a memória do homem. A memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos (THOMPSON, 1992, p. 17)

A história oral de uma comunidade quilombola, busca dar voz, dá ouvidos aos silenciados (as), dando espaço para que eles mostrem o quanto são sujeitos da história, podendo apresentar uma riqueza de detalhes que, muitas vezes, não são encontrados em documentos. As fontes orais são testemunhas vivas da sua história.

Para Bosi (1987, p. 23), “a memória individual é também social, familiar e grupal; por meio das falas, resgata-se um tempo, uma cidade, desejos e esperanças”.

De acordo com Nora (1993, p. 9):

a memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam: ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censuras ou projeções

As lembranças, as memórias de um grupo social devem ser entendidas como documentos históricos de igual valor aos documentos escritos, que possibilita o resgate e a preservação de sua história, especificamente no caso das populações



negras foram descritas, em geral, apenas como escravizadas ou libertas, sem os matizes necessários para o entendimento do papel destas populações na formação do país e seu povo.

## 2.1 PANORAMA DA POPULAÇÃO NEGRA NO BRASIL – DESIGUALDADE VIVENCIADA ATÉ HOJE PELA POPULAÇÃO NEGRA

O Brasil mesmo ao longo dos anos, passa por um panorama de desigualdade, vivenciada pela população negra até os dias atuais, mesmo diante de lutas em prol da inclusão social.

A partir de iniciativas governamentais que sustentam a política de promoção da igualdade racial, que dar melhores condições de vida de mulheres e homens negros.

De acordo com a Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade (Seppir) (Brasília, 2014 p.11), acontece em três dimensões:

- 1) Políticas socioeconômicas gerais que impulsionam a inclusão da população negra, com destaque para a expansão do mercado de trabalho formal, a política de valorização do salário-mínimo e a ampliação da cobertura da previdência social e dos programas de redução da pobreza.
- 2) Ações para o atendimento a direitos básicos da população negra, por meio da incorporação da perspectiva racial na execução de políticas setoriais, como previsto no Programa Brasil Quilombola e no Plano Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais de Matriz Africana.
- 3) Ações afirmativas para a promoção da igualdade de oportunidades, como é o caso do estabelecimento de cotas para negros no acesso ao ensino superior público e no Programa Universidade para Todos (Prouni), voltado para instituições privadas.

Mesmo diante destas ações, ainda persiste os diferenciais em que os negros têm desvantagens comparando aos brancos. O racismo mesmo diante de uma trajetória de lutas, ainda causa efeitos de modo expressivo na sociedade brasileira, são importantes conquistas e persistentes desafios que marca essa desigualdade social perpetuando nos tempos atuais.

A população negra é a mais afetada pela desigualdade e pela violência no Brasil. No mercado de trabalho, pretos e pardos enfrentam mais dificuldades na progressão da carreira, na igualdade salarial e são mais vulneráveis ao assédio moral, afirma o Ministério Público do Trabalho.

De acordo com o Atlas da Violência, a população negra também corresponde a maioria dos indivíduos com mais chances de serem vítimas de homicídios.

O feminicídio, isto é, o assassinato de mulheres por sua condição de gênero, também tem cor no Brasil: atinge principalmente as mulheres negras. As mulheres negras também são mais vitimadas pela violência doméstica.

Homens, jovens, negros e de baixa escolaridade são as principais vítimas de mortes violentas no País. A população negra corresponde a maioria dos indivíduos com mais chances de serem vítimas de homicídios, de acordo com informações do Atlas da Violência 2017, elaborado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e o pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

Mesmo após um século da abolição a luta continua, as desigualdades persistem a população brasileira na sua maioria ainda não reconhece o distanciamento que foi criado entre negros e brancos no país, o atraso que existe educacionalmente entre ambos, as oportunidades que não são as mesmas. Foi preciso que se criasse um Estatuto da Igualdade Racial para garantir aos negros aquilo que já lhes são direito pelo Estatuto dos Direitos Humanos, foi preciso criar um sistema de cotas para garantir a educação aos negros, sendo que a educação constitucionalmente já é direito de todos os cidadãos, foi preciso criar leis punindo a prática do racismo, para que negros e afrodescendentes fossem respeitados.

Para entrar um pouco mais na questão da discriminação racial no Brasil, vamos entender quem são considerados “negros” no país, o que significa discriminação racial e o que prevê o Estatuto da Igualdade Racial. Pelo Estatuto da Igualdade Racial são consideradas negras todas as pessoas que se autodeclaram pretas ou pardas nas pesquisas do IBGE.

IV – população negra: o conjunto de pessoas que se autodeclaram pretas e pardas, conforme o quesito cor ou raça usado pela Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), ou que adotam autodefinição análoga;

Então devido ao grande preconceito e discriminação que essa população vem sofrendo ao longo dos anos foi criado o Estatuto da Igualdade Racial que visa justamente, combater ou se não minimizar as desigualdades existentes e garantir pela lei os direitos que são negados a esta população. Então o objetivo principal do Estatuto da Igualdade Racial é garantir à população negra a igualdade de oportunidades, a preservação dos direitos étnicos individuais e coletivos e o combate a toda forma de discriminação. O artigo 1º do Estatuto nos deixa bem claro.

Art. 1º. Esta lei institui o Estatuto da Igualdade Racial, destinado a garantir à população negra a efetivação da igualdade de oportunidades, a defesa dos direitos étnicos individuais, coletivos e difusos e o combate à discriminação e às demais formas de intolerância étnica.

Dentro desse artigo 1º podemos também definir o que o estatuto define como discriminação racial e desigualdade racial.

I – discriminação racial ou étnico-racial: toda distinção, exclusão, restrição ou preferência baseada em raça, cor, descendência ou origem nacional ou étnica que tenha por objeto anular ou restringir o reconhecimento, gozo ou exercício, em igualdade de condições, de direitos humanos e liberdades fundamentais nos campos político, econômico, social, cultural ou em qualquer outro campo da vida pública ou privada;

II – desigualdade racial: toda situação injustificada de diferenciação de acesso e fruição de bens, serviços e oportunidades, nas esferas pública e privada, em virtude de raça, cor, descendência ou origem nacional ou étnica;

O autor Sales Augusto dos Santos sintetiza de forma sábia e peculiar a discriminação racial no Brasil:

“Discriminamos os negros, mas resistimos a reconhecer a discriminação racial que praticamos contra esse grupo racial. (...) o racismo está no outro bairro, na outra empresa, na outra universidade, na outra cidade, no outro estado, em outro país, entre outros, menos em nós mesmos. Nós, por mais que os dados estatísticos oficiais e não oficiais nos indiquem abismais desigualdades entre negros e brancos, achamos que não temos nada a ver com isso, pois a maioria absoluta dos brasileiros só vê o racismo dos outros e nos outros, nunca neles mesmos.” (SANTOS, 2003, p.86).

O Brasil em toda sua história tem uma dívida com os negros que viveram em um longo processo de discriminação e exclusão, não só pela cor da pele, mais pelas condições econômicas.

## 2.2 CONCEITOS DE MEMÓRIA

Os estudos sobre a temática memória começam a ganhar espaço nos debates e nas tendências e perspectivas teóricas entre os séculos XX e XXI, tendo uma maior abordagem nas áreas sociais e humanas.

Toda memória individual é também social, uma vez que a mesma não brota de indivíduos isolados, mas sim dos marcos de necessidades e valores de uma sociedade, como afirmara Halbwachs (2006). Com este conceito a memória coletiva ganha espaço e significado.

Para Halbwachs (2006), a memória se relaciona de maneira sistemática com os grupos sociais, por isso propôs a noção de memória coletiva, concluindo que toda lembrança era sempre coletiva, e não havia como separar a memória individual da sua construção social.

Estas teorias tiveram início no século XX causando discussões teóricas que foram muito importantes para o campo de estudo da memória que até então era considerado como objeto particular. Passou-se assim a estudar sobre memória como sendo uma questão social da memória que tem relação com os grupos sociais como foi o caso do psicólogo social Frederic Bartlett (1932-1995), que elaborou uma teoria da memória a partir de uma perspectiva psicossocial, tornando-se, juntamente com Halbwachs, uma referência para o estudo do tema. Afirmava que não há memórias propriamente armazenadas na mente ou cérebro, mas sim traços deixados pelas experiências (esquemas) que se transformam cada vez que são ativadas para produzir uma experiência concreta (ROSA, *et al*, p.45).

A memória surge como um processo de retenção de informações nas quais nossas experiências são arquivadas e recuperadas quando buscamos, tornando um processo de retenção de informações obtidas por experiências vividas que pode ser transmitida as novas gerações, através de diferentes registros.

Precisamos o acesso da memória para construir sua identidade, os registros da história e da memória humana se dá, em sua grande maioria, por documentos gerados pelas atividades desenvolvidas por organizações, pessoa ou família.

Segundo Michael Pollak (1989) a memória é constituída por acontecimentos, pessoas, personagens e lugares.

Observa Le Goff (2003, p.435) que a laicização da memória, combinada com a invenção da escrita, permitiu à Grécia o desenvolvimento da mnemotecnica. As técnicas mnemônicas propõem um conjunto de regras que permite a reprodução de discursos através da construção de lugares e imagens na memória, aos quais são associadas palavras e ideias que precisam ser lembradas. Ao utilizar as técnicas mnemônicas, os oradores da Antiguidade proferiam seus discursos percorrendo um lugar imaginário, onde estavam depositadas as imagens construídas.

O conceito memória enquanto um fenômeno social se apresenta como um processo histórico e tradicional que observa e analisa as características culturais de um determinado povo. Nesse sentido, Monteiro; Carelle e Pickler (2008), afirmam que esse tipo de memória pode ser interpretada como coletiva, isto é, aquela que faz parte das características de um grupo de pessoas, e que ultrapassa a memória individual e biológica de um indivíduo tornando-se a memória de uma sociedade.

A memória é, portanto:

[...] um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. (POLLAK, 1989, p.16).

Estudar e falar em memória nos dias atuais, implica em discutir como acontece a transmissão de experiências seja ela coletiva, sociais, herdadas mantidas por gerações e o conjunto de complexidades.

Estudos destacam que mesmo vivendo em um mesmo espaço sócio histórico, temos o grupo soa contemporâneos e os coetâneos que são os grupos que compartilham as experiências vividas em comum como, comportamento, hábitos e preferências.

### 2.2.1 *Memória social e Memória coletiva*

Os seres humanos têm a capacidade de reter e retransmitir fatos e experiências as novas gerações, através vários suportes como a voz, imagem, textos, livros, etc.

A memória pode ser individual que são as próprias vivências e experiências guardada por cada indivíduo, mas que tem aspectos da memória do grupo social, pois é onde o indivíduo se socializou.

Há também a memória coletiva que é formada por fatos e aspectos denominados relevantes, as quais são guardadas na memória oficial de uma sociedade. São expressas através de monumentos, quadros, obras literárias, monumentos, hinos oficiais, dentre outros que expressam o passado coletivo de uma determinada sociedade.

Não podemos esquecer que existe as memórias subterrâneas ou marginais, que são as memórias do passado de um determinado grupo onde estas memórias geralmente não estão registras em nenhum suporte, sendo expressas apenas quando acontece algum conflito social ou quando pesquisadores (as) utilizam do método biográfico ou da história oral, para serem registradas, analisadas para poder fazer parte da memória coletiva de um determinado grupo ou sociedade.

Para Le Goff de um modo geral podemos considerar memória como sendo:

A Memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode utilizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas. (Le Goff, 2003, p. 419)

A memória é entendida como um conjunto de fatores, elementos, personagens que remetem as lembranças do passado, seja ela na consciência individual ou na memória coletiva, estas relações estão sempre ligadas as experiências, visto que:

A memória possui contextualidade e é possível ser atualizada historicamente [...] é uma representação produzida através da experiência. Constitui-se de um saber, formando tradições, caminhos – como canais de comunicação entre dimensões temporais -, ao invés de rastros e restos como no caso da lembrança. [...] A memória pode constituir-se de elementos individuais e coletivos, fazendo parte da perspectiva de futuro, de utopias, de consciências do passado e de sofrimento. Ela possui a capacidade de instrumentalizar canais de comunicação para consciência histórica e cultura, uma vez que pode

abranger a totalidade do passado, num determinado corte temporal. (DIEHL, 2002, p. 116)

A memória representa uma seleção dos acontecimentos mais significativos vivenciado pelo homem, onde esses traços e resquícios do passado são recordado individualmente ou em grupo. Estas memórias têm vários valores simbólicos, significados e que precisam de suportem para se materializarem, geralmente são representados por linguagem, espaços, signos, documentações dentre outros.

Le Goff (1996) defende que a memória coletiva é uma representação das formas de domínio de um determinado grupo social.

[...] A memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. (LE GOFF, 1996, p.426).

A memória é formada por elementos que são necessários para constituir tanta memória individual quanto coletiva que são os lugares, os acontecimentos e as pessoas ais quais vivenciaram este contexto ocorrido.

### *2.2.2 Memória e identidade social*

Segundo Michael Pollak (1989) a memória é constituída por acontecimentos, pessoas, personagens e lugares. Os acontecimentos geralmente podem ser vivenciados individualmente, em grupo ou pelo conjunto de pessoas aos quais fazem parte. Tudo acontece em um tempo espaço onde as pessoas envolvidas podem ser o (a) participante ou o personagem do acontecimento os quais contribuem para construir a memória. Os lugares remetem as lembranças de pertencer há um local em específico.

Os acontecimentos, personagens e lugares são fatores importantes que contribuem para a construção da memória, podendo ser consciente ou inconsciente. Segundo Pollak, “há uma ligação fenomenológica muito estreita entre memória e o sentimento de identidade” (1989, p.12). A identidade é uma representação e uma percepção da imagem que deseja passar para as outras pessoas.

A memória é, portanto:

[...] um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. (POLLAK, 1989, p.16)

A memória atua na construção de identidades seja ela individual ou coletiva da complexidade humana, ajudando na produção do conhecimento histórico, registrados em inúmeras leituras.

Sobre o indivíduo como testemunha Bosi (2006, p. 411) evidências:

Uma memória coletiva se desenvolve a partir de laços de convivência familiares, escolares, profissionais. Ela entretém a memória de seus membros, que acrescenta, unifica, diferencia, corrige e passa a limpo. Vivendo no interior de um grupo, sofre vicissitudes da evolução de seus membros e depende da sua interação. Por muito que deva à memória coletiva, é o indivíduo que recorda. Ele é o memorizador e das camadas do passado a que tem acesso pode reter objetos que são, para ele, e só para ele, significativos dentro de um tesouro comum

Para o resgate, preservação e divulgação a memória possibilita o relembrar, o reencontrar e o pertencimento que é o início da construção da identidade.

A história oral, são contadas a partir de memórias de indivíduos que vivenciaram esta história, que contribuem para os grupos sociais que favorecem o auto reconhecimento.

### *2.2.3 Resgate e Preservação da memória*

O resgate e a preservação da memória vem sendo um tema bastante discutido, devido ao avanço tecnológico, surge a preocupação com a conservação de registro de memória, pois são diversos os contextos e suportes, que muitas vezes pode acontecer de perder registros de fatos históricos marcante da sociedade.

A memória enquanto um fenômeno social é um processo histórico e tradicional que analisa e observa as características culturais de uma determinada sociedade, podendo ser interpretada como coletiva.

É papel da sociedade como produtora do conhecimento preservar a identidade de um povo, sua história e sua cultura. Para Santos (2003) preservação



significa um conjunto de procedimentos e medidas que proporcionam a segurança física de documentos de arquivos, bibliotecas, etc.; contra agentes de deterioração. Observa-se então, a preservação como ato ou efeito de salvaguardar alguma coisa contra agentes que venham a pôr em risco os artefatos que representam à memória de uma sociedade. Segundo o Dicionário de Terminologias Arquivistas (1996, p.61) preservação é a função arquivista destinada a assegurar as atividades de acondicionamento, armazenamento, conservação restauração de documentos. A memória é um meio de rever e entender o passado no presente.

Entendemos que, as importâncias de preservar informações em quaisquer tipos de suporte provem da necessidade de resguardar o passado, no intuito de entender o presente e fazer prospecções ao futuro com base nas experiências vivenciadas anteriormente. (MENDES; SANTOS e SANTIAGO, 2010, p.2)

Os argumentos sobre a necessidade de preservar a memória histórica e cultural de uma determinada sociedade, nos mostram a importância de conservar os registros das informações que carregam a memória histórico cultural de um determinado povo, em específico, neste trabalho uma cultura étnica racial de uma comunidade quilombola.

Salvaguarda a memória da Comunidade Quilombola do Matão-Paraíba, por meio deste trabalho é apenas o início de uma jornada, ou, seja, é uma semente que está sendo plantada afim de colaborar para construção de uma cultura de conscientização para o resgate e preservação da cultura afro-brasileira existente no quilombo, considerando as diferenças étnicos-raciais existente neste processo populacional.

Uma grande conquista para este resgate e preservação da memória e cultura deste povo, foi a temática da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana que se tornou obrigatória na educação básica a partir do ano de 2003, com a promulgação da Lei n. 10.639/2003<sup>1</sup>, que estabelece obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na educação básica através das disciplinas de História, Literatura e Artes. Esta lei é fruto da conquista dos movimentos populares. Fonte?) coloque um (a) autor aqui para fundamentar a afirmação sendo assim fundamental esta ampliação e discussão nos espaços escolares para reconhecerem

---

<sup>1</sup> Lei n. 10.639/2003. [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/l10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm). Acesso em 01 de abr. de 2018.

as diferenças étnicas raciais existentes no processo de formação da sociedade brasileira e viabilizar o direito a educação para todos (as) numa perspectiva igualitária que busca respeitar as diferenças étnicas raciais contribuindo no resgate e preservação da ressignificação da identidade quilombola.

A memória individual e coletiva dos remanescentes de quilombo torna-se um instrumento para as comunidades (re) construir e apresentar aos outros povos e a sua comunidade a significação histórica e cultural.

Cada memória é ponto de vista da memória coletiva. Como ressalta Halbwachs:

Diríamos que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda segundo o lugar que ali ocupo e que esse mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com outros ambientes (HALBWACHS, 2006, P.69).

Para o resgate da história do Quilombo do Matão-Paraíba, foi de extrema importância a narrativa dos idosos no processo de releitura da história e cultura local, pois foi através da memória destes (as) idosos(as) que testemunharam o processo de construção da identidade negra quilombola.

Pois, de acordo com Pollak (2007, p. 9):

A memória é construída na tentativa de resgatar o passado por meio das lembranças e configura-se também pelo esquecimento, pois nem todos os fenômenos são passíveis de recordações, assim, recordamos uma pequena parcela de nosso passado.

Existe uma grande necessidade de registrar a memória individual e coletiva em relação à comunidade quilombola, sua cultura, seus rituais, religiosidade, seus acervos fotográficos, uma história que precisa ser preservada e materializada.

Com a preservação dos documentos da comunidade quilombola, podemos preservar a memória do povo negro paraibano, e os indivíduos os quais fazem parte desta história, legitimando a importância desta memória.

### 3 QUILOMBO, ETNICIDADE, TERRITÓRIO E IDENTIDADE

As pesquisas realizadas relatam que as comunidades remanescente quilombolas, vivem em uma situação dramática, mesmo completando hoje 29 anos de promulgação da Constituição Federal de 1988, existe um menosprezo total por parte dos governos relacionado às políticas de reconhecimento e titulação iniciadas com a redemocratização.

O Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, Incra, é uma autarquia federal cuja missão prioritária é executar a reforma agrária e realizar o ordenamento fundiário nacional.

As comunidades quilombolas são denominados um grupo étnicos, contituídos pela população negra urbana ou rural, eles se autodefinem a partir das relações com a terra, o território, os parentesco, os ancestrais, as tradições e as práticas culturais.

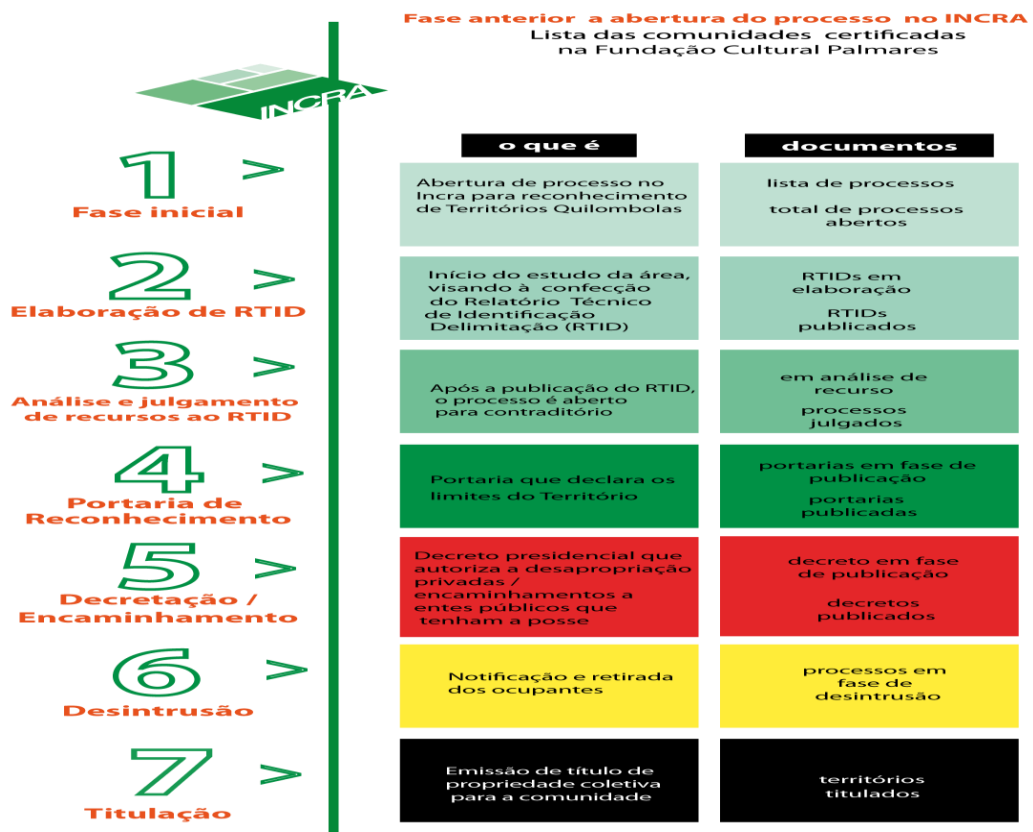
O Decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003. Regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias.

Com este Decreto 4887/2003, foi tranferido para o Incra o órgão competente, na esfera federal a responsabilidade para delimitar as terras dos remanescente das comunidades quilombolas, suas titulações e demarcações.

Para cuidar dos processos de titulação, o Incra criou, na sua Diretoria de Ordenamento da Estrutura Fundiária, a Coordenação Geral de Regularização de Territórios Quilombolas (DFQ) e nas Superintendências Regionais, os Serviços de Regularização de Territórios Quilombolas.

Para que o Incra inicie os trabalhos em determinada comunidade, ela deve apresentar a Certidão de Registro no Cadastro Geral de Remanescentes de Comunidades de Quilombos, emitida pela Fundação Cultural Palmares. A primeira parte dos trabalhos do Incra consiste na elaboração de um estudo da área, destinado à confecção do Relatório Técnico de Identificação e Delimitação (RTID) do território. Uma segunda etapa é a de recepção, análise e julgamento de eventuais contestações. Aprovado em definitivo esse relatório, o Incra publica uma portaria de reconhecimento que declara os limites do território quilombola.

## Etapas da REGULARIZAÇÃO QUILOMBOLA



**Quadro Geral da Política de Regularização Quilombola**

INCRA<sup>2</sup>. Etapas da regularização quilombola. Colonização e reforma agrária.

Atualmente existem 2.607 comunidades quilombolas certificadas em todo o Brasil de acordo com os dados emitidos pelos órgãos:

A emissão da Certidão de Autodefinição tem como base legal a Portaria da FCP nº 98/2007 e o Decreto Presidencial nº 4887/2003.

Código do IBGE obtido através do link:  
<http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/areaterritorial/area.shtm>.

A publicação no Diário Oficial da União pode ser obtida através do site:  
<http://portal.in.gov.br>

Cabe à Fundação Cultural Palmares emitir uma certidão sobre essa autodefinição. O processo para essa certificação obedece norma específica desse órgão (Portaria da Fundação Cultural Palmares nº 98, de 26/11/2007).

<sup>2</sup> INCRA. <http://www.incr.gov.br/estrutura-fundiaria/quilombolas>. Acesso em 19 de agosto de 2017.

### 3.1 QUILOMBO: O QUE É ISSO?

Com base em registros históricos o conceito de quilombo surgiu no período colonial elaborado pelo Conselho Ultramarino por volta de 1970 em resposta a um questionamento do Rei de Portugal, onde denomina-se por quilombo “toda habitação de negros fugidos, que passem de cinco, em parte despovoadas, ainda que não tenha ranchos levantados e nem se achem pilões nele”. (ALMEIDA, 2002, P.47). Sendo sempre associado os conceitos a condição de negros escravos.

Com a chegada da abolição da escravidão os quilombos que serviam de refúgio para os negros fugitivos, deixaram de ser uma preocupação para as autoridades, pois tornaram-se livres. Mesmo com o passar do tempo, as comunidades quilombolas ainda resistem com suas tradições. Por longos anos foram esquecidos, voltando a aparecer no texto constitucional em 1988, enquanto remanescentes de quilombos.

Art. 68. Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos. (Constituição Federal, 1988, grifos nossos).

Da forma como foi redigido, o art. 68 cria não só um direito a propriedade definitiva das terras ocupadas, mas também a categoria política e sociológica detentora deste direito remanescente de quilombos. Mesmo assim não resolveu todos os problemas dos quilombos, do contrário trouxe inúmeros questionamentos referente a sua aplicação.

#### Construção de uma etnia quilombola

O termo quilombola definida como as localidades onde os negros que fugiam da escravidão, se refugiavam. Com o artigo 68 na Constituição de 1988, conseguiram o reconhecimento de remanescente quilombola dessas comunidades.

Diante deste cenário dos movimentos negros, chama a atenção nas disputas políticas em torno da legalização das terras remanescente quilombolas, que sofrem transformação dos quilombos em etnia.

Com efeito, tomam-se os termos pelos quais se caracteriza uma etnia, quais sejam, a existência de um nome próprio comum, de um mito de uma ancestralidade compartilhada, de memórias históricas compartilhadas, de elementos de uma cultura comum, de um vínculo e de um senso comum de solidariedade, fica evidente o acento étnico da política de reconhecimento dos quilombos.

Nesse caso, pressupõem-se que, a despeito das diferenças regionais, as comunidades apresentem:

- a) Marcas culturais particulares distintas daquilo que se entende como a cultura nacional hegemônica.
- b) Vínculo histórico com um território.
- c) Processos continuados de transmissão que assegurem a reprodução cultural do grupo.

As etnias negras no contexto brasileiro são demarcadas pelas raízes históricas socioculturais e políticas que marcam a formação populacional brasileira no contexto do escravismo e pelas relações estabelecidas tanto nas suas ancestralidades distantes como nas vivências contemporâneas.

### 3.2 MATÃO: UMA COMUNIDADE NEGRO RURAL

Em um período histórico do Brasil a população negra veio do continente africano para o Brasil, passaram por um regime escravocrata. Foram séculos de escravidão, sofrendo um legado de preconceitos e desigualdade, ainda hoje presentes na sociedade brasileira.

A submissão ao regime escravocrata, de acordo com os historiadores, não aconteceu de forma pacífica, os escravos resistiam ao cativeiro e muitos fugiam para os esconderijos denominados de quilombos.

Fotografia 1 – Mapa dos quilombos na Paraíba – 2006



Fonte: <http://quilombosdaparaiba.blogspot.com.br/p/mapas.html>.

### 3.2.1 História e memória do Quilombo do Matão-PB

Fotografia 2 – Visão panorâmica da Comunidade Quilombola Matão - Paraíba



Fonte: <http://www.paraibacriativa.com.br/artista/comunidade-quilombola-do-sitio-matao/>.

A comunidade quilombola do Matão, localiza-se na cidade de Gurinhém, região Agreste do estado da Paraíba – Nordeste – Brasil, um grupo negro rural que construiu sua autonomia passando por um processo de reconhecimento da condição quilombola. A Paraíba atualmente possui 34 (trinta e quatro) grupos que reivindicaram, lutaram e receberam sua certidão de reconhecimento emitida pela Fundação Cultura Palmares (FCP) de Comunidades Remanescente Quilombolas.<sup>3</sup>

<sup>3</sup> Dados da Fundação Cultural dos Palmares. <http://www.palmares.gov.br/quilombola/?estado=PB>. Acesso em 10 de setembro de 2017.



A comunidade de Matão é composta apenas por 32 unidades familiares fazendo um total de aproximadamente 150 indivíduos (sendo muitas crianças e moradores (as) que trabalham durante a semana fora da comunidade) num pequeno espaço de aproximadamente 25 hectares e ocupando uma área rural de 24.5097 h<sup>a</sup>, na qual, segundo afirmam na comunidade.

A comunidade rural de Matão se auto reconhece como uma comunidade de negros, isto é, como um quilombo. Tal reconhecimento é construído historicamente a partir das relações sociais que separam os membros da comunidade de todos os outros sujeitos vizinhos diretos ou moradores (as) de outros lugares com quem entram em interação.

Figura 3 – Comunidade Quilombola Matão - Paraíba



Fonte: <http://www.paraibacriativa.com.br/artista/comunidade-quilombola-do-sitio-matao/>.

Figura 4 - Festa da Consciência Negra no Matão (2014)



Fonte: Quilombos da Paraíba, 2015

---



Figura 5 – moradores da Comunidade Quilombola do Matão - Paraíba



Fonte: fotografos de rua 1 de agosto de 2013 – Alisson. <https://imgur.com/a/R0Aup#0>

Figura 6 – Moradores pegando água para consumo.



Fonte: Fotografos de rua 1 de agosto de 2013 – Claudia. <https://imgur.com/a/rbxnc#0>



Figura 7 - Meio de transporte



Fonte: Fotógrafos de rua 1 de agosto de 2013 – Jaqueline. <https://imgur.com/a/c5y1v#0>

Figura 8 – Barreiro onde buscam água.



Fonte: Fotógrafos de rua 1 de agosto de 2013 – Leonaldo. <https://imgur.com/a/IHbU7#0>

Figura 9 - 03 de dezembro: (tarde) Quilombo Matão - festa dos jovens com exibição do grupo de percussão e dança afro "oloduMatão"



Fonte: Quilombos da Paraíba: Novembro quilombola

A identidade dos membros da comunidade em termos de sua unidade étnica rural baseia-se em sua origem a partir de um ancestral negro livre que, há cerca de seis gerações, se estabeleceu na localidade. Essa percepção foi pedra-de-toque para alavancarem um processo de auto reconhecimento e encaminhá-lo à Fundação Cultural Palmares (FCP), a qual emitiu a certificação da comunidade quilombola em 17 de novembro de 2004. Em tal processo, além disso, a criação da Associação da Comunidade Negra do Matão foi fundamental para a consolidação da noção política de comunidade, hoje introjetada por muitos dos (as) seus membros.

A denominação “Matão” refere-se ao fato de a localidade (e circunvizinhança) ser coberta por grande mata fechada (nativa em larga medida) à época da chegada dos primeiros moradores que fundaram a comunidade. Contudo, nem sempre aquele espaço foi assim denominado, pois nos primórdios da comunidade, esta era conhecida pela alcunha de “Pirauzinho dos Negros”.

Deparando-nos com tal denominação, outrora utilizada por fazendeiros e citadinos da região para designar a comunidade em questão, remetemo-nos à recorrência constatada no meio rural brasileiro de, ao se referirem às comunidades negras rurais (muitas pretensas remanescentes de quilombos), utilizarem o qualificativo “dos negros” após a denominação específica do local. Verifica-se, no caso de Matão, que tal epíteto ainda é recorrente uma vez que os membros da comunidade costumam ser identificados e referidos pelas pessoas de fora como “os negros do Matão” e o lugar onde habitam como “Matão dos negros”.

De acordo com os relatos históricos Matão teve início com a chegada de um homem negro livre, que se chamava Manoel Rufino dos Santos, por volta de fins do século XIX, ficando como fundador do grupo, ele chegou acompanhado do seu irmão chamado Antônio Grande que casou e foi morar em outras terras e uma irmã chamada Edwirges que nunca casou nem teve filhos (GRUNEWALD, 2009, p. 78) Manoel Rufino era considerado uma figura mítica, sendo dono de muitas terras, de gados, tornou uma figura de autoridade entre seus parentes.

Agricultura (especialmente feijão, milho e fava plantados em áreas arrendadas em propriedades nas imediações da comunidade), sendo essa a principal atividade de sustento de algumas famílias ou praticada como complemento de renda ou ainda como atividade secundária sem visar lucro.

As famílias da comunidade são assistidas por programas de governos tais como: Fome Zero (programa Federal de ajuda com alimentos - recebem cestas

básicas mensalmente), cisternas (Fundação Nacional de Saúde - FUNASA) ou o Programa do Leite (Governo do Estado).

A saúde é provida para a comunidade através de um posto do Programa Saúde da Família, localizado há alguns quilômetros de seu território, em localidade denominada Riacho Verde, o que faz com que os (as) moradores (as), quando na necessidade de ir ao médico, recorram, em um primeiro momento, às rezadeiras e/ou a plantas medicinais. Enfatize-se ainda que, face à relativa distância da comunidade para a cidade mais próxima e à dificuldade para a consecução de transporte, ainda se costuma (hoje com bem menos intensidade) realizarem-se partos em casa com o auxílio de parteiras.

No que tange à educação, podemos dizer que a realidade de Matão não difere de outras realidades rurais no Brasil. A comunidade possui uma escola (a Escola Municipal de Ensino Fundamental José Rufino dos Santos), onde lecionam os próprios membros da comunidade - alguns que inclusive estão concluindo o curso de Pedagogia em regime especial pela Universidade Estadual da Paraíba. A escola foi construída, em 1988, pelo então prefeito de Gurinhém Jorge Úrsulo Ribeiro Coutinho. Vigor na escola da comunidade o sistema multisseriado, qual seja, aquele em que o (a) professor (a) a um só tempo leciona para alunos (a) de variadas séries (no caso de Matão, alunos (as) da educação infantil até a 4ª série do ensino fundamental).

Os alunos (as), quando concluem na comunidade a primeira fase do ensino fundamental, passam a estudar na cidade de Gurinhém no período da tarde - e muitos deles no período da manhã exercem atividades na roça junto com os pais.

As crianças estão, em sua maioria, matriculadas na escola, seja na sede do município, em Gurinhém, seja na Escola da comunidade. Entre os adultos a profissão predominante é a agricultura, a população adulta de Matão é em quase sua totalidade analfabeta ou semianalfabeta, porém o programa de Educação de Jovens e Adultos está presente na comunidade e muitas dessas pessoas frequentam as aulas, que são ministradas por professores (as) da própria comunidade. A comunidade de Matão dista aproximadamente 80 km da capital do estado (João Pessoa) e 57 km da cidade de Campina Grande, seguindo pela BR 230. Desta rodovia, Matão situa-se a cerca de 3 km por estrada de terra em boas condições e sem maiores relevos ou estragos.

Por fim, as principais cidades de referências para eles hoje são Gurinhém,

Juarez Távora, Mogeiro e Itabaiana. Além destas, outras cidades referidas recorrentemente em suas falas são: Pilar, São José dos Ramos, Ingá, Alagoa Grande, Alagoa Nova e até municípios mais distantes da Paraíba, como Santa Rita, ou de Pernambuco, como Goiana, nos quais “os mais velhos” trabalharam na cana-de-açúcar há muitas décadas atrás e para onde se deslocavam a pé, isto é, caminhando.

Matão, segundo os (as) moradores (as) de Gurinhém, é uma localidade muito mais ampla do que a atual área ocupada pela comunidade de remanescentes de quilombo – e incluiria também Manipeba, com a qual julgam que os de Matão guardam convivência muito grande, o que se poderia notar “até pelos nomes”. Para os historiadores de Gurinhém, toda essa ampla localidade de Matão seria formada por escravos de fazendas que, após libertos, “foram ficando por lá”. Assim, “essas comunidades surgiram das fazendas”. Manipeba, para um professor de história local, poderia ser “historicamente” até mais importante do que Matão por ter sido provavelmente “foco de fluxo migratório” e, afirma, teria até havido “senzala em Manipeba. Embora essas sejam mais especulações do que registros concretos sobre a área de Matão-Manipeba, as pessoas de Gurinhém reconhecem que Matão é um “lugar de negros”.

Dizem que em Matão, até uns trinta anos pelo menos, “o progresso não tinha chegado lá” e “viviam no analfabetismo e na ignorância”. Mas “agora já tem até filhos de lá ensinando aos seus conterrâneos”, e “tem gente até na universidade”. Mas “antes era como se fosse um condomínio fechado”. Até “alguns anos atrás não havia miscigenação em Matão” também: “só casava negro com negro, parente com parente”. A “mistura” teria se iniciado “há alguns anos” e seria “muito pequena”. Confirmam ainda o “preconceito” que tinham com relação às pessoas de Matão, chamados por eles de “os negros do Matão”. Exemplificam também que “tem uns lá que gostam de tomar umas” cachaças e, “quando chega aqui já se sabe, são os negros do Matão”.

O território desta comunidade no passado foi conhecido como “Pirauzinho dos Negros”. Provavelmente porque como as famílias de negros que deram origem a atual comunidade de remanescente de quilombos mantiveram relações de trabalho na Fazenda Pirauá, seu lugar de morada foi apelidado de Pirauzinho dos Negros. De fato, segundo o Sr. Otacílio João da Silva (84 anos), Matão se estendia da fazenda de Dona Rosita (“para os lados de Alagoa Grande e Ingá”) a Riacho Verde e

Buenos Aires. As fazendas imediatamente vizinhas a eles eram a “Fazenda de Mendonça e Pirauá que ficavam mais em cima e aqui era o Pirauá dos Negros, Pirauazinho”. Vale notar que, mesmo depois de terem assumido o nome de Matão para sua comunidade, continuaram sendo identificados pelo epíteto racial, pois são conhecidos como “os negros do Matão”.

Se as famílias moradoras da comunidade de Matão guardam continuidade familiar através de uma linhagem que segue em seis gerações a partir de seu fundador, Manoel Rufino dos Santos foi só recentemente que se mobilizaram para reivindicar o reconhecimento oficial como remanescentes de quilombo. Talvez porque uma memória sobre a escravidão de seus ancestrais não perdure mais em suas mentes, voltadas para a manutenção da família que se subdividia naquela localidade, formando novas unidades familiares através de casamentos endógamos, e distante da interferência de atores sociais externos.

Como lembram seus moradores, à época que ali se chamava Pirauazinho dos Negros eles estavam rodeados por “mata virgem da época do descobrimento” e viviam em casas de palha, depois substituídas por casas de taipa cobertas por palha (depois telhas) e as de tijolos que só há uns doze anos começaram a ser construídas na comunidade. Afirmam ainda não haver nenhuma lembrança, história, evidência, ou mesmo rumor sobre senzalas, ou de terem tido eles relações sociais com “cativos”. Nem sabem falar sobre senzalas.

Embora um historiador de Gurinhém tenha afirmado que houve senzala em Manipeba, uma moradora de Matão, chamada Maria José, afirma que houve “senzala na Volta” (lugar próximo às fazendas Pirauá e Mendonça), onde ela morou por dois anos e onde teria tido “a casa de um senhor e a senzala”, que esta era “o lugar onde maltratavam, crucificavam os escravos”. A casa dela em Matão contém inclusive madeira retirada da destruição da casa desse “senhor” da Volta, ou melhor, sua cama e armários são feitos “das ripas dessa casa”. Para ela, na Volta tinha então a “casa da escravidão” (já demolida). Esse lugar chama-se Volta “porque iam para voltar e não voltavam”. Tem a Volta de Baixo e a Volta de Cima. Antônio Trajano (43 anos) confirma essa história dizendo que: “o pessoal mais velho dizia que tinha senzala por aqui. Aqui era Pirauzinho dos Negros. Major Josselyn, os Borges chamavam aqui de Pirauazinho dos Negros. Então creio que aqui sempre foi lugar dos negros”.

Essa conscientização da comunidade em termos de sua unidade étnica rural,

dada por uma origem em um ancestral negro liberto que se perpetuou ao longo de seis gerações, não foi, entretanto, alcançada sem ajuda de dois atores sociais que os visitaram e os ajudaram em todo processo do auto reconhecimento encaminhado à Fundação Cultural Palmares, que emitiu a certificação da comunidade quilombola em 17 de novembro de 2004.

Inclusive, a criação da Associação da Comunidade Negra do Matão foi fundamental para a consolidação da noção política de comunidade hoje referida por muitos dos habitantes da comunidade. Um morador chega até a remeter a noção de comunidade à existência da Associação, afirmando que “comunidade é conjunto de casas onde todo mundo se ajuda com a de qualquer forma, todos sustentam que foi depois da chegada do casal Luiz Zadra e Francimar Fernandes de Sousa Zadra da Associação de Apoio aos Assentamentos e Comunidades Afrodescendentes – Paraíba (AACADE-PB) (), que “aqui melhorou e fomos descobrindo que é comunidade negra, quilombo”. As melhorias vieram também em termos assistenciais por parte do município de Gurinhém.

Desde o início quiseram englobar Manipeba no reconhecimento como comunidade de remanescentes de quilombo, mas estes não quiseram participar do processo de auto reconhecimento.

Todos as pessoas de Matão são unânimes ao afirmar que “Manipeba não quis se reconhecer” como comunidade de remanescentes de quilombo. Como dizem: “Manipeba não quis ser negro”.

Manipeba é uma localidade de negros que se situa no interior das fazendas São José (de José Dércio de Almeida Leite) e Santa Terezinha (de Guilherme Vieira da Rocha) nas vizinhanças. Josita, ao sustentar que “o povo de Manipeba não quis se reconhecer como negro”, levanta uma importante questão para a discussão de Manipeba constituir ou não um território de remanescentes de quilombos: Manipeba sempre esteve no interior de área de fazendeiros que detinham a propriedade e “Matão sempre foi uma comunidade” independente. Josinaldo confirma dizendo que “as conversas de conscientização para o auto reconhecimento desenvolveram pouco. Manipeba não aceitou ...” e diziam: “Deus me livre que a gente não é negro”.

Também, “a terra de Manipeba nunca foi deles, pois eles moram em terras de fazendeiros”. João também confirma, dizendo que “Manipeba ficou sendo quase o mesmo Matão. A diferença é que aqui é da gente e lá nunca foi deles. Manipeba é de Guilherme e Dércio. O povo lá é meio diferente. Quando padre registrou aqui a

comunidade negra eles não quiseram ser negros não”.

Enfim, Manipeba não quis “se organizar como negros”. O mesmo pessoal que veio conscientizá-los aqui, foi lá, mas eles “não quiseram participar do movimento”. O pessoal de Matão diz se dar bem com o pessoal de lá, lembrando até os casamentos entre eles, mas se separam “nesse ponto dos projetos comunitários” (ser quilombo ou não). Apesar deste comentário, há quem diga (Otacílio, por exemplo) que “toda vida o pessoal de Manipeba teve preconceito com o pessoal daqui. E não quiseram reconhecimento por lá”. Afirma que foram “sempre duas comunidades” e que o preconceito deles é perceptível “porque são negros, mas não querem ser negros como o pessoal daqui”. Otacílio lembra, entretanto, que nunca foram ofendidos pelo pessoal de lá, mas sentem que eles “não gostam do pessoal daqui” – apesar dos casamentos.

A comunidade de remanescentes de quilombo de Matão situa-se geograficamente no município de Mogeiro (PB). Descendo de Campina Grande (ou subindo de João Pessoa) pela rodovia BR-230, a paisagem é a mesma quando passamos pelos municípios do agreste paraibano 81 que acercam Matão: muitos pastos e algumas roças, principalmente de milho.

O caminho para a comunidade de Matão inicia-se numa porteira azul à beira da BR-230, a partir da qual, três quilômetros depois, atingimos a comunidade em estrada de terra de trânsito fácil mesmo com a utilização de carro comum e em qualquer das estações do ano. No percurso por esta estrada rural, passamos por várias porteiras, entradas de fazendas e observamos apenas pastagens (e gado), pertencentes, principalmente, a Júlio Paulo Neto.

Já com relação à saúde, os remédios do mato e os comprados em farmácias das cidades próximas pelos parentes do doente são as primeiras formas de socorro. Médicos do Projeto Saúde da Família e agentes de saúde visitam esporadicamente a comunidade.

No entanto, segundo projeto elaborado em 2006 na escola de Matão, Projeto Educação de Jovens e Adultos (EJA) (), naquele ano de 2006, “86% das moradias não possuem fossas, os esgotos são a céu aberto e ao chover esses esgotos correm em direção aos riachos e a dois pequenos açudes existentes nessa comunidade”.

Em verdade, é a Associação da Comunidade Negra do Matão que, de fato, mais do que a escola ou a igreja, tem agregado a comunidade através de reuniões



de vários tipos e com várias finalidades. Na sede da Associação tem sido traçado o destino de Matão em termos políticos, culturais e econômicos.

Em termos de religião, há alguns evangélicos na comunidade que frequentam os cultos que ocorrem todas as terças, quintas e sábados na igreja da Assembleia de Deus que existe ali. Uma maioria dos moradores, entretanto, é católica, mas não muito praticante. Há missa celebrada pelo padre de Gurinhém uma vez por mês na escola (ou na Associação). Terços e novenas são também executados sob direção do José Maximiano na sede da Associação comunitária. Há duas rezadoras na área (uma idosa e uma jovem - Antônia), mas essa prática de cura é considerada independente de qualquer vínculo religioso. Ao que consta, em determinado momento umas pessoas que tinham ido morar em Pernambuco trouxeram para Matão práticas de umbanda (ou religiosidade afro-brasileira conexa), mas eles não deram prosseguimento àquilo que foi considerado como “inverdade” ou “feitiçaria”.

#### **4 ENTINERÁRIO METODOLÓGICO**

Metodologicamente, a fim de alcançar o objetivo proposto neste estudo, recorreu-se a procedimentos de pesquisa bibliográfica, utilizando-se como fontes de pesquisa: livros e artigos científicos publicados que retratam a temática em foco.

Esse tipo de pesquisa constitui o primeiro momento de qualquer investigação científica, uma vez que é realizada pelo (a) pesquisador (a) a análise do que já foi publicado sobre o assunto. Ademais, os procedimentos que compõem essa forma de pesquisa é a seleção das fontes, constituídas a partir de sua delimitação no tempo e no espaço, seguida de leitura, reflexões e resumos das obras selecionadas, listando os trabalhos já realizados e os resultados alcançados (VERGARA, 1998).

Como procedimentos metodológicos fez-se uso da abordagem qualitativa, uma vez que a preocupação está centrada em aspectos da realidade e na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais, conforme declaram Silveira e Córdova (2009). De natureza aplicada, a pesquisa “objetiva gerar conhecimentos para aplicação prática, dirigidos à solução de problemas específicos”. Quanto aos objetivos, definem-se como sendo de cunho exploratório uma vez que se busca maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo

mais explícito. Utilizou-se, quanto aos procedimentos, a pesquisa bibliográfica, para o arcabouço teórico, documental e de campo, tendo em vista a coleta de dados.

Ao realizar a análise na literatura, os assuntos devem ser selecionados, tendo em vista a delimitação da amostra, contendo fontes consistentes e condizentes com o objetivo geral da pesquisa. Na visão de Macedo (1994), esse processo corresponde a uma espécie de “varredura” do que existe sobre um assunto e o conhecimento dos autores que tratam dos respectivos assuntos.

Trabalha com técnicas de análise e interpretação de dados e, por não lançar mão de métodos e técnicas estatísticas, a pesquisa enquadra-se na abordagem qualitativa. Segundo Silva e Menezes (2005) a interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Sob o ponto de vista dos seus objetivos a pesquisa se caracteriza como exploratória, pois será levado em conta o estado da técnica a respeito da temática a ser desenvolvida.

Em relação aos procedimentos técnicos cabe registrar que foram realizados levantamento bibliográfico e pesquisa documental. Especificamente sobre o levantamento bibliográfico foram empreendidas buscas nas seguintes bases de dados: Base de Dados Referencial de Artigos de Periódicos em ciência da informação (BRAPCI), Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), Encontro Nacional de Pesquisa em Pós-Graduação em Ciência da Informação (ENANCIB), Scientific Eletronic Library Online (SCIELO), Portal Brasileiro de Publicações Científicas em Acesso Aberto (OASIS). O levantamento foi realizado no período de 20 de junho a 20 de novembro de 2017, a partir do cruzamento dos seguintes descritores “identidade negra”; “ lugar de memória”; “identidade cultural” ;“Cultura negra”.

O resultado do levantamento bibliográfico apontou que o estudo sobre comunidades quilombolas no Brasil é recente e ainda pouco explorado no campo da Biblioteconomia e da Ciência da Informação.

Ao final apresentamos como produto dessa investigação diretrizes para estimular o registro, preservação, valorização e difusão da cultura quilombola em específico na Comunidade Quilombola do Matão – Paraíba.

## 5 O (A) PROFISSIONAL BIBLIOTECÁRIO (A)

Os (as) bibliotecários (as), em suas práticas, buscam exercer e desenvolver conhecimentos, competências, qualidades e atitudes necessárias para atender as expectativas diversificadas da sociedade.

Do Exercício da Profissão de Bibliotecário e das suas atribuições  
 Art 1º A designação profissional de Bibliotecário [...] é privativa dos bacharéis em Biblioteconomia, de conformidade com as leis em vigor.  
 Art 2º O exercício da profissão de Bibliotecário, em qualquer de seus ramos só será permitido:  
 a) aos Bacharéis em Biblioteconomia, portadores de diplomas expedidos por Escolas de Biblioteconomia de nível superior, oficiais, equiparadas, ou oficialmente reconhecidas;  
 b) aos Bibliotecários portadores de diplomas de instituições estrangeiras que apresentem os seus diplomas revalidados no Brasil, de acordo com a legislação vigente. (BRASIL, 1962).

De acordo com as Diretrizes Curriculares para os Cursos de Biblioteconomia (BRASIL, 2001), a formação do (a) bibliotecário (a) em seu parecer enumerou e dividiu as competências e habilidades necessárias para a formação do (a) bibliotecário (a), as competências foram divididas em gerais e específicas.

### Competências gerais:

Gerar produtos a partir dos conhecimentos adquiridos e divulgá-los;  
 Formular e executar políticas institucionais;  
 Elaborar, coordenar, executar e avaliar planos, programas e projetos;  
 Utilizar racionalmente os recursos disponíveis;  
 Desenvolver e utilizar novas tecnologias;  
 Traduzir as necessidades de indivíduos, grupos e comunidades nas respectivas áreas de atuação;  
 Desenvolver atividades profissionais autônomas, de modo a orientar, dirigir, assessorar, prestar consultoria, realizar perícias e emitir laudos técnicos e pareceres;  
 Responder a demandas sociais de informação produzidas pelas transformações tecnológicas que caracterizam o mundo contemporâneo (BRASIL, 2001, p.32).

### Competências específicas:

Interagir e agregar valor nos processos de geração, transferência e uso da informação, em todo e qualquer ambiente;  
 Criticar, investigar, propor, planejar, executar e avaliar recursos e produtos de informação;  
 Trabalhar com fontes de informação de qualquer natureza;  
 Processar a informação registrada em diferentes tipos de suporte, mediante a aplicação de conhecimentos teóricos e práticos de coleta, processamento, armazenamento e difusão da informação;  
 Realizar pesquisas relativas a produtos, processamento, transferência e uso da informação (BRASIL, 2001, p. 32-33).

Na sociedade moderna com as novas tecnologias surge uma explosão de informações, favorecendo e ampliando os espaços de atuação dos (as) bibliotecários (as), como no ramo cultural, em organizações, na gestão da informação, consultoria informacional, em ambiente da web e dentre outros espaços. Esses novos segmentos de atuação profissional, segundo Silva (2005), mostram-se como válido e com grandes expectativas, sobremaneira, àqueles profissionais inovadores, que desejam ter seu próprio negócio, desvinculando-se do trabalho engessado e, muitas vezes limitado, típico dos serviços que configuram um vínculo empregatício.

Arruda, Martelo e Souza (2000) destacam algumas das principais habilidades inerentes ao bibliotecário (as) na era da globalização:

- a) Capacidade de comunicação e de relacionamento interpessoal;
- b) Administração estratégica;
- c) Educação continuada;
- d) Planejamento estratégico;
- e) Adaptabilidade social;
- f) Capacidade de ser participativo, flexível, inovador e criativo;
- g) Desenvolvimento de atividades em espaços onde haja necessidade de informação;
- h) Ativas práticas interdisciplinares;
- i) Estudo das necessidades de informação dos clientes e avaliação dos recursos dos sistemas de informação;
- j) Relação entre informação e sociedade;
- k) Ativa participação nas políticas sociais, educacionais, científicas e tecnológicas.
- l) Estas habilidades contribuem para o (a) bibliotecário (a) exercer sua função social, atuando como disseminador (a) da informação e mediador (a) da informação através de diversos suportes, sendo um veículo para transferir informação e conhecimento para seus usuários (as).

## 5.1 PAPEL SOCIAL DO (A)BIBLIOTECÁRIO (A)

O (a) profissional bibliotecário (a), nos últimos anos, vem passando por um contexto de grandes mudanças e transformações, decorrente da revolução tecnológica ocorridas na área da informação, onde a sociedade do conhecimento a cada dia, é cada vez mais evidente o acesso à informação. Estas práticas estão intimamente relacionadas com o fazer dos (as) profissionais da informação e, principalmente, dos (as) bibliotecários (as). Dentro deste contexto, estes (as) profissionais devem estar preparados para responder às novas exigências da sociedade do conhecimento.

Estas transformações criam novas necessidades e vêm alterando nossos velhos e sólidos paradigmas. Estamos começando a viver o que Browning (2002, p.) chamou de “era das bibliotecas sem paredes para livros sem páginas”. As novas tecnologias estão criando os sinais que começam a redefinir novas formas de informação e comunicação, bem como a cultura e os comportamentos decorrentes deste cenário.

Com as novas esferas informacionais, surge novos desafios e transformação para a atuação do (as) profissional bibliotecário (as). Conforme Souza (2004, p.), no novo cenário informacional a identidade do profissional da informação da área de biblioteconomia, ou está vinculado aos papéis profissionais já estabelecidos, tanto social quanto politicamente, ou está relacionado a um novo profissional.

A responsabilidade social do (a) bibliotecário (a) está sendo além dos espaços intuídos, estão sendo impulsionados a irem ao encontro das populações, em específico deste trabalho, na comunidade remanescente quilombola, que se encontra ainda em uma situação de discriminação, intolerância e fragilidade, que estão em desvantagem no acesso a informação, na construção do conhecimento de sua identidade e no resgate e preservação de sua memória.

Freire (2001) menciona que o papel do (a) profissional da biblioteconomia, frente a comunidades que experimentam diversas formas de exclusão, inclusive aquelas relacionadas à informação, é disseminar a informação objetivando delinear um caminho para a inclusão social de forma mediacional. Contribuindo assim que essa população se aproprie da informação, exercendo seus direitos, tornando sujeitos críticos e participativos na sociedade na qual está inserido, atuando na

elaboração das leis, nas políticas educacionais voltadas para os quilombos, questões política, econômica e sociais, fortalecendo assim nas suas escolhas.

Fluxos de informação ou fluxos informacionais concebidos a partir de Valentim (2010:13), são aqueles que se constituem: “em elemento fundamental dos ambientes informacionais, de tal forma que não há ambiente informacional sem haver fluxos de informação e vice-versa. Desta forma estudar o ambiente informacional da comunidade remanescente quilombola, leva o (a) bibliotecário (a) a compreender as necessidades informacionais e o modo como essa comunidade se apropria desta informação da realidade na qual estão inseridos, onde a oralidade referente ao resgate e preservação da memória ainda se constitui uma característica que predomina nesta comunidade. Este fluxo informacional dessa comunidade, contribui para o (a) bibliotecário atender as necessidades informacionais por meio da mediação da informação.

Farias (2014, p.34) destaca que o “mediador [profissional da informação], que atua em uma comunidade, pode ajudar os (as) moradores (as), levando ao conhecimento dos (as) interessados (as), os aspectos que envolvem o empoderamento e a necessidade de discussão de todas as informações necessárias para se pleitear políticas, projetos e ações”. A autora reforça ainda que as “ações de integração social” sejam aplicadas por meio de uma “construção coletiva inspiradora”, baseada nos “anseios, no ouvir e sentir, dos habitantes e visualizar os campos de pesquisa como um lugar repleto de protagonistas que exprimem seus desejos de modo diverso” (FARIAS, 2014, p.37).

Com estas informações os (as) bibliotecários (as) podem contribuir e intervir nesta comunidade remanescente quilombola, desempenhando seu papel com mais consciência e esperança. Ao tratar, organizar, selecionar, disseminar estas informações podem ajudar este grupo submetido à exclusão social compreender e lutar por seus direitos, caminhando juntos ao encontro do empoderamento, emancipação, resgate e preservação da memória da comunidade remanescente quilombola que buscasempre desenvolver suas competências humanas e informacionais, favorecendo o fortalecimento da cidadania.

## 5.2 CONTRIBUIÇÕES DO (A)BIBLIOTECÁRIO (A) PARA PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA DA COMUNIDADE QUILOMBOLA MATÃO PARAÍBA.

A memória nos traz lembranças seja ela voluntárias ou involuntárias, podendo se individual ou coletiva. Nossas memórias fazem depender da nossa vontade, gerando informações e conhecimento, e sendo transmitida por meio de documentos, bem como recuperando o passado e passando a recordar o tempo (SILVEIRA; REIS, 2011).

O (a) bibliotecário (a), nesta preservação da memória pode contribuir sendo um organizador (a), mediador (a) e interlocutor (a) da informação, tendo a capacidade de preservação e disseminação da memória, na busca de manter e preservar as culturas e costumes, mantendo na memória o que foi vivido, permitindo as gerações futuras o conhecimento dos seus antepassados.

Viver, lembrar de uma determinada época, é experimentar e reviver um passado, uma memória seja ela oral ou escrita. A atuação da Biblioteconomia confere a capacidade de trabalhar com a oralidade, levando aos (as) profissionais a terem aptidão com a contação, passando a se tornarem contadores de histórias (SILVA, 1991).

As várias unidades de informação (museus, arquivos, bibliotecas, etc.) buscam preservar, administrar e disseminar os mais diversos documentos em diversos tipos de suportes, com intuito que o conhecimento humano não seja perdido e esquecido, perpetuando há gerações futuras por séculos e milênios, sendo considerados lugares de memória.

Com efeito, confirmamos a profecia de Ranganathan (2009) ao discursar em seu quinto postulado de que a biblioteca é um organismo em crescimento; paralelamente, o (a) bibliotecário (a) também deve acompanhar essa (r)evolução, adentrando-se às novas concepções paradigmáticas, a fim de garantir sua importante função, qual seja, mediar a todos (as), informação de qualidade.

Alguns papéis e responsabilidades sociais do (a) bibliotecário (a) na preservação da memória da Comunidade Quilombola do Matão – Paraíba:

1. Preservar a informação (ser responsável pela memória e cultura da Comunidade Quilombola do Matão – Paraíba);
2. Organizar a informação para uso;

3. Acessar a informação
4. Ser empreendedor; personalizar/customizar a informação.
5. Trabalhar a informação, agregar valor.
6. Socializar a informação – preocupar-se com o acesso público da Comunidade Quilombola do Matão – Paraíba à informação, a informação como um patrimônio público;
7. Educar para a utilização da informação;
8. Criar, pesquisar e consumir informação.

Aos bibliotecários (as) é atribuída tal responsabilidade exigindo domínio da localização, normalização, indexação, padrões, protocolos, utilização de tecnologias e modernos instrumentos como metadados e marcação de textos (Cunha, 1999, p.260). Destacam-se neste contexto tanto pelo domínio como pelas iniciativas de modernização os bibliotecários.

O (a) bibliotecário (a) é um processador da cultura, portanto é essencial que se comprometa ativamente nos projetos políticos e sociais da comunidade, para adentrar nos estudos da memória para fornecer a comunidade informações necessárias a possível construção participativa de sua identidade.

A atuação do (a) bibliotecário (a) na Comunidade Quilombola do Matão - Paraíba é importante por possibilitar, através de coleta e análise de informações a preservação da memória (individual e coletiva) enquanto grupo étnico tradicional quilombola.



## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A atuação do (a) bibliotecário na Comunidade Quilombola do Matão é de extrema importância como sendo um profissional da informação que pode possibilitar através de coleta e análise da informação, a preservação e resgate da memória seja ela individual e coletiva enquanto um grupo étnico de afrodescendente.

Espera-se com esta pesquisa alcançar a integração do ensino e da pesquisa aliando aos conhecimentos adquiridos no curso de Biblioteconomia na modalidade de Bacharel da UFPB, agregando as contribuições do (a) bibliotecário (a) no resgate e preservação da memória da Comunidade Quilombola do Matão – Paraíba.

Os quilombos foram contruídos por negros (as) escravos fugitivos que não eram satisfeitos com as condições de vida imposta pelo sistema escravista. Hoje os quilombos tem toda uma história material e imaterial com os quais reproduzem seu modo de vida, fornecendo continuidade a sua cultura.

De acordo com a Constituição Federal de 1988, os quilombos adquiriram o direito às terras as quais ocupam, sendo dever do Estado regularizar a titulação dessas terras. Com aquisição deste reconhecimento o resgate da memória passou a ter uma importância fundamental num campo de disputas por seu território.

Na grande maioria dos quilombos as lembranças e as experiências coletivas e individuais, são transmitidas e partilhadas oralmente através da memória dos (as) mais velhos (as) que foram testemunho histórico do passado transmitindo a memória às gerações futuras, sendo considerado um documento histórico de igual valor de um escrito.

Diante deste cenário, surge a necessidade da atuação do (a) bibliotecário (a) de analisar as necessidades informacionais, identificando essas possíveis carências imprescindíveis para o fortalecimento, resgate e preservação desta cultura quilombola.

O (a) bibliotecário (a) pode atuar como missão de agente de transformação, que vai facilitar e possibilitar nos moradores (as) de quilombos o desejo de aprender, de discutir e formar novos conhecimentos.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA JÚNIOR, O. F. de. Mediação da informação: ampliando o conceito de disseminação. In: VALENTIM, M. (Org.). **Gestão da Informação e do Conhecimento**. São Paulo: Editora Polis, 2008, v. 1, p.41-54.

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. Os quilombos e as novas etnias. In: O'DWYER, Eliane Cantarino (org.). **Quilombos**: identidade étnica e territorialidade. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

AQUINO, Mirian de Albuquerque; SILVA JÚNIOR, Jobson Francisco; DA SILVA, Leyde Klébia Rodrigues. Gêneros digitais: expandindo a comunicação no Movimento Negro da Paraíba. RDBCI: **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, SP, v. 12, n. 2, p. 242-263, maio 2014. ISSN 1678-765X. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1613>>. Acesso em: 25 out. 2017.

AQUINO, Mirian de Albuquerque. A inclusão afrodescendente na era da informação. RDBCI: **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, SP, v. 11, n. 2, p. 61-75, abr. 2013. ISSN 1678-765X. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1638>>. Acesso em: 25 out. 2017.

AQUINO, Mirian de Albuquerque. A inclusão afrodescendente na era da informação. **RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, SP, v. 11, n. 2, p. 61-75, abr. 2013. ISSN 1678-765X. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1638>>. Acesso em: 07 out. 2017.

AQUINO, Mirian de Albuquerque; SILVA JÚNIOR, Jobson Francisco; DA SILVA, Leyde Klébia Rodrigues. Gêneros digitais: expandindo a comunicação no Movimento Negro da Paraíba. **RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, SP, v. 12, n. 2, p. 242-263, maio 2014. ISSN 1678-765X. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1613>>. Acesso em: 07 out. 2017.

ARRUDA, M.C.C. ; MARTELETO, R. M. ; SOUSA, D. B. Educação, trabalho e o delineamento de novos perfis profissionais: o bibliotecário em questão. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v29, n3, set/dez. 2000.

BANAL, Alberto. Et al. (organizadore.). **Quilombos da Paraíba**: a realidade de hoje os desafios do futuro. João Pessoa: Imprell Gráfica e Editora, 2013. 312p.

BRASIL. **Decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003**. Regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias.

BRASIL – MEC/ SECAD. LEI No 10.639, DE 9 DE JANEIRO DE 2003. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2003. \_\_\_\_\_. Superando o racismo na escola. Brasília-DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental, 2000.

BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, v.134, n.248, 23 dez. 1996. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/leis/lein9394.pdf>> Acesso em 1 jul. 2017.

\_\_\_\_\_. Lei nº 4.084/1962, de 30 de Junho de 1962. Dispõe sobre a profissão de bibliotecário e regula seu exercício. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 2 Jul. 1962. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/1950-1969/L4084.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/1950-1969/L4084.htm)>. Acesso em: 1 mar 2017.

BRASIL. **Constituição** (1988). **Constituição** da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado **Federal**: Centro Gráfico, 1988. 292 p.

BRASIL. Decreto presidencial nº 5.051 de 19 de abril de 2004 que promulga convenção 169, de 1989. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2004/decreto/d5051.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5051.htm)>. Acesso em 28 de nov. de 2017.

BRASIL. [Estatuto da igualdade racial (2010)]. *Centro de Documentação e Informação* Edições Câmara, Brasília. 2010.

BROWNING, J. Libraries without walls for books without pages. Disponível em: <[www.wired.com/wired](http://www.wired.com/wired)>. Acesso em: set.2017.

CASTRO, César Augusto. Biblioteca como lugar de memória e eco de conhecimento: um olhar sobre “O Nome da Rosa”. **RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, SP, v. 4, n. 2, p. 1-20, set. 2006. ISSN 1678-765X. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/2026>>. Acesso em: 04 out. 2017.

COSTA, Sérgio. A mestiçagem e seus contrários: etnicidade e nacionalidade no Brasil contemporâneo. **Tempo Social**, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 143-158, mai. 2001. ISSN 1809-4554. Disponível em: <<http://www.journals.usp.br/ts/article/view/12354>>. Acesso em: 02 nov. 2017.

CUNHA JÚNIOR, Henrique **Africanidades, afrodescendências e educação**. 2002. Disponível em: <<http://www.tvebrasil.com.br/SALTO/boletins2001/edc/edctxt5b.htm>>. Acesso em: 13 out. 2017.

CUNHA JUNIOR, H. . Afrodescendencia e Africanidades: Um dentre os diversos enfoques possíveis sobre a população negra no Brasil. Interfaces de Saberes (FAFICA. Online) , v. 1, p. 14-24, 2013.

CUNHA JUNIOR, H. . Quilombo: patrimonio cultural histórico e cultural. Revista Espaço Acadêmico (UEM) , v. 129, p. 158-167, 2012.

CUNHA JUNIOR, H. . Memória, história e identidade afrodescendentes: As autobiografias na pesquisa científica. In: Raimundo Elmo de Paula Vasconcelos Junior, José Gerardo Vasconcelos, José Rogério Santana, Keila Andrade Haiashida, Lia Machado Fiuza Fialho, Rui Martinho Rodrigues, Francisco Ari de Andrade.. (Org.). Cultura, Educação, Espaço e Tempo.. 1ed.Fortaleza: Editora da UFC, 2011, v. 1, p. 118-143.

CUNHA JUNIOR, H. . Repensando o Quilombo na Educação Brasileira. In: I Encontro Estadual de Educação Popular, 2007, Fortaleza. Anais do I Encontro Estadual de Educação Popular. Fortaleza: Editora da Universidade Federal do Ceara., 2007.

CUNHA, Miriam Vieira da. O papel social do bibliotecário. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, n. 15, 2003.

Cunha, Miriam Vieira da **O PAPEL SOCIAL DO BIBLIOTECÁRIO** Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, núm. 15, 1er. semestre, 2003 Universidade Federal de Santa Catarina Florianopolis, Brasil

Cunha, Miriam Vieira da, **O PAPEL SOCIAL DO BIBLIOTECÁRIO** Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação [en linea] 2003, (1er. Semestre ). Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=14701504>> . acesso em : 14 de set. de 2017.

Cunha, Murilo Bastos da. Desafios na construção de uma biblioteca digital. Ciência da Informação, Brasília, v.28, n.3, p.255-266, set/dez. 1999.

DELGADO, L. de A. N. História oral: memória, tempo, identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. 135p.

**DICIONÁRIO DE TERMINOLOGIA ARQUIVÍSTICA**. São Paulo: Associação dos Arquivistas Brasileiros – Núcleo Regional de São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 1996.

DIEHL, Astor A. **Cultura Historiográfica** – Memória, identidade e representação, Bauru, Editora Universidade do Sagrado Coração, 2002.

FARIAS, M. G. G. 2014 Análise da produção, implementação e avaliação de um modelo de mediação da informação no contexto de uma comunidade urbana. Salvador da Bahia, 2014. Tese de Doutorado em Ciência da Informação - Instituto de Ciência da Informação, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

FREIRE, I. M. 2001 A Responsabilidade social da ciência da informação e/ou o olhar da consciência possível sobre o campo científico. Rio de Janeiro, 2001. Tese de Doutorado em Ciência da Informação - Universidade Federal do Rio de Janeiro/ECO, Rio de Janeiro.

GRÜNEWALD, Rodrigo de Azeredo. Aspectos do quilombo de Matão Rodrigo de Azeredo Grünewald (Universidade Federal de Campina Grande) Cadernos Imbondeiro. João Pessoa, v. 4, n.1, out.2015. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/index.php/ci/article/viewFile/27676/14919>>. Acesso em: 05 out. 2017.

GRÜNEWALD, Rodrigo de Azeredo. **Negros do Matão: etnicidade e territorialização**. 1. Ed. - Campina Grande, EDUFCG, 2011. 174p.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

INCRA – INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA. Brasília: INCRA, 1992. Disponível em: <<http://www.incra.gov.br/estrutura-fundiar/quilombolas>>. Acesso em 26 de set. de 2017.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas: IBGE/PNAD – Elaboração IPEA/DISOC. 2001.

JUNIOR, Henrique Cunha. AFROETNOMATEMÁTICA: DA FILOSOFIA AFRICANA AO ENSINO DE MATEMÁTICA PELA ARTE. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, [S.l.], v. 9, n. 22, p. 107-122, jun. 2017. ISSN 2177-2770. Disponível em: <<http://abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/view/400>>. Acesso em: 25 out. 2017.

LEGOFF, Jacques, 2003. **História e Memória**, Campinas, Editora UNICAMP.

LE GOFF, J. *História e Memória*. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

MENDES, Amélia; SANTOS, Charlene; SANTIAGO, Pietro. Preservação do acervo histórico da oficina guaianases de gravura. In: ENCONTRO NACIONAL DOS ESTUDANTES DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO, GESTÃO DA INFORMAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 33., 2010, João Pessoa - PB. **Anais 33º ENEBD**. João Pessoa - PB: UFPB, 2010. p. 1 - 10. Disponível em:

<<http://dci.ccsa.ufpb.br/enebd/index.php/enebd/article/view/44>>. Acesso em: 22 de out. 2017.

MONTEIRO, S. D.; CARELLI, A. E.; PICKLER. **A Ciência da Informação, Memória e Esquecimento**. DataGramaZero - Revista de Ciência da Informação - v.9 n.6, dez 08. Disponível em: <[http://www.datagramazero.org.br/dez08/Art\\_02.htm](http://www.datagramazero.org.br/dez08/Art_02.htm)>. Acesso em: 02 out. 2017.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a Mestiçagem no Brasil** - Identidade Nacional versus Identidade Negra. Petrópolis: Vozes, 1999.

MUNANGA, Kabengele. A difícil tarefa de definir quem é negro no Brasil . **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 18, n. 50, p. 51-66, apr. 2004. ISSN 1806-9592. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9968>>. Acesso em: 25 out. 2017.

MUNANGA, Kabengele. Pan-africanismo, negritude e teatro experimental do negro. **Ilha Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 18, n. 1, p. 109-122, out. 2016. ISSN 2175-8034. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/2175-8034.2016v18n1p109>>. Acesso em: 25 out. 2017.

MUNANGA, Kabengele. Identidade, Cidadania e Democracia: algumas reflexões sobre os discursos anti-racistas no Brasil. **Resgate: Revista Interdisciplinar de Cultura**, Campinas, SP, v. 5, n. 1, p. 17-24, dez. 2006. ISSN 2178-3284. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/resgate/article/view/8645505/12810>>. Acesso em: 25 out. 2017.

NETTO, Carlos Xavier de Azevedo. INFORMAÇÃO E MEMÓRIA: as relações na pesquisa. **Revista Eletrônica História em Reflexão**, Dourados, v. 1, n. 2, set. 2009. ISSN 1981-2434. Disponível em: <<http://ojs.ufgd.edu.br/ojs/index.php/historiaemreflexao/article/view/385>>. Acesso em: 01 Out. 2017.

OLIVEIRA, Eliane Braga de; RODRIGUES, Georgete Medleg. O conceito de memória na Ciência da Informação: análise das teses e dissertações dos programas de pós-graduação no Brasil| The concept of memory in information science: analysis of theses and dissertations of postgraduate programs in Brazil. **Liinc em Revista**, v. 7, n. 1, 2011.

OLIVEIRA, Eliane Braga de. RODRIGUES, Georgete Medleg . **As concepções de memória na Ciência da Informação no Brasil**: estudo preliminar sobre a ocorrência do tema na produção científica. IX ENACIB. Disponível em: <<http://repositorios.questoesemrede.uff.br/repositorios/bitstream/handle/123456789/1007/As%20concep%E7%F5es.pdf?sequence=1>>. Acesso em 23 de mar. 2018.

POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento, silêncio*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v.2, n.3, p.3-15, 1989. Disponível em: <

<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278/1417> > Acesso em: 06 ago. 2017.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**, v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992.

RANGANATHAN, S. R. **As cinco leis da biblioteconomia**. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 2009.

ROMEIRO, Nathalia Lima. Programa para o desenvolvimento de competência em informação em comunidade quilombola: foco na formação em Biblioteconomia. **Revista Brasileira de Educação em Ciência da Informação**, v. 4, n. 1, p. 164-183, 2017.

ROSA, A *et al.* Reepresentaciones del pasado, cultura personale idntidad nacional. In: **Memória coletiva e identidade nacional**. Madrid: biblioteca nova, 2000.

SANTOS, G. C. A. **Siglas e termos técnicos**: arquivística, biblioteconomia, documentação, informática. Campinas, SP: Editora, Ática, 2003. 277p.

SANTOS, Jussara Pereira. O moderno profissional da informação: o bibliotecário e seu perfil face aos novos tempos. **Informação & informação**, v. 1, n. 1, p. 5-13, 1996.

SANTOS, Myrian dos Sepúlveda. **Memória colectiva e teoria social**. Imprensa da Universidade de Coimbra/Coimbra University Press, 2012.

SILVA, Fabiano Couto Corrêa da. **Bibliotecários especialistas**: guia de especialidades e recursos informacionais. Brasília, DF: Thesaurus, 2005.

SILVA, T. E. da. Memória e Biblioteconomia: uma história sem fim. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 16., 1991, Salvador. **Anais...** Salvador: Associação Profissional dos Bibliotecários do Estado da Bahia, 1991. p.1181- 1187. Disponível em: . Acesso em: 30 abr. 2017

SILVEIRA, Fabrício José Nascimento da; REIS, Alcenir Soares dos. Biblioteca pública como lugar de práticas culturais: uma discussão sócio-histórica. **Informação & Sociedade**: Estudos, João Pessoa, v.2, n.1, p.37-54, jan./abr. 2011. Disponível em: . Acesso em: 27 ago. 2017.

SOUZA, Vanessa Emanuele de.O QUILOMBO DO MATÃO - PB E A EXPERIÊNCIA DE IMPLANTAÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS. **Cadernos Imbondeiro**. João Pessoa, v.1, n.1, 2010. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/index.php/ci/article/viewFile/13495/7654>>. Acesso em 19 de set. de 2017.

Situação social da população negra por estado / Instituto de Pesquisa

Econômica Aplicada ; Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. – Brasília : IPEA, 2014. 115 p. : il., gráfs. color.

SOUZA, Vanessa Emanuele de. Mércia Rejane Rangel Batista. História e Memória no Quilombo do Matão – PB. **XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIAS ANPUH BRASIL, CONHECIMENTO HISTÓRICO E DIÁLOGO SOCIAL NATAL-RN JULHO 2013**. Disponível em: <[http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364757698\\_ARQUIVO\\_memoriaehistoriaemmatiao\\_vanessaesouza.pdf](http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364757698_ARQUIVO_memoriaehistoriaemmatiao_vanessaesouza.pdf)>. Acesso em 13 de set. de 2017.

SOUZA, Vanessa Emanuele de. Mércia Rejane Rangel Batista .**A Honra na Construção de Lugares no Quilombo do Matão-PB**. Disponível em: <[http://eventos.livera.com.br/trabalho/98-1021122\\_30\\_06\\_2015\\_17-59-35\\_5730.PDF](http://eventos.livera.com.br/trabalho/98-1021122_30_06_2015_17-59-35_5730.PDF)> Acesso em 10 ago. de 2017.

SOUZA, Vanessa Emanuelle de. **Honra, Migração e Memória em Matão – PB**. Dissertação de Mestrado apresentada ao programa ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais de Campina Grande (PPGCS). Disponível em: <<http://www.ufcg.edu.br/~ppgcs/wp-content/uploads/2012/09/Vanessa2.pdf>>. acesso em 14 de jul. de 2017.

SOUZA, Vanessa Emanuelle de . *O quilombo do Matão - PB. A experiência de implantação de políticas públicas*. Cadernos Imbondeiro. João Pessoa, v.1, n.1, 2010.

THOMPSON, P. **A voz do passado**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

VALENTIM, M. L. P. (Org.). **Ambientes e fluxos de informação**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. 281p.



## **ANEXOS**



**REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL**  
**MINISTÉRIO DA CULTURA**  
**FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES**  
 Criada pela Lei n. 7.668 de 22 de agosto de 1988

**Diretoria de Proteção ao Patrimônio Afro-Brasileiro**

**CERTIDÃO DE AUTO-RECONHECIMENTO**

O Presidente da **Fundação Cultural Palmares**, no uso de suas atribuições legais conferidas pelo art. 1º da Lei n.º 7.668 de 22 de Agosto de 1988, art. 2º, §§ 1º e 2º, art. 3º, § 4º do Decreto n.º 4.887 de 20 de novembro de 2003, que regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias e artigo 216, I a V, §§ 1º e 5º da Constituição Federal de 1988, **CERTIFICA** que a **Comunidade de Matão**, localizada no município de Gurinhém, Estado da Paraíba, registrada no Livro de Cadastro Geral n.º 002, Registro n.107, f.11, nos termos do Decreto supramencionado e da Portaria Interna da FCP n.º 06, de 01 de março de 2004, publicada no Diário Oficial da União n.º 43, de 04 de março de 2004, Seção 1, f. 07, **É REMANESCENTE DAS COMUNIDADES DOS QUILOMBOS.**

Declarante(s): Maria José dos Santos RG 1.778.850 SSP/PB  
 Josefa de Paiva Santos RG 280.568.8 SSP/PB  
 Gilmar Valetim da Silva RG 2.925.830 SSP/PB  
 Otacílio João da Silva RG1.065.128 SSP/PB

Eu, **Maria Bernadete Lopes da Silva** (Ass.)....., Diretora da Diretoria de Proteção do Patrimônio Afro-Brasileiro, a lavrei e a extraí. Brasília, DF, **17 de novembro** de 2004.

O referido é verdade e dou fé

  
**UBIRATAN CASTRO DE ARAÚJO**  
 Presidente da Fundação Cultural Palmares